O DIFERENTE NA ERA DIGITAL

José Tonezzi

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Resumo

As relações humanas mediadas por equipamentos e aplicativos digitais que se estabeleceram na sociedade contemporânea nos fazem refletir sobre práticas que levam o sujeito ao enaltecimento de si mesmo, distanciando-se do mundo físico e de práticas sociais. Nessas condições, a percepção que se tem do outro também parece alterada, uma vez que aquilo que se vê nas redes sociais pode não ser o que parece, pois o ato de simular tornou-se comum. Então, nesta era de realidade mista, em que o virtual se sobrepõe à concretude, o questionamento passa a ser sobre a existência e as características do ser diferente, alguém que se destaque do senso comum. As relações mediadas por implemento digitais permitem que um sujeito de corpo incomum transite sem ser notado, desde que não se faça ver por imagens. Por outro lado, massificou-se a prática da simulação através de expressões faciais e gestos padronizados. Expor-se muito para sentir-se melhor parece ter se tornado uma das normas nas relações sociais da era digital. É o que abre espaço para a bufonaria, prática que traz à tona um ser de comportamento diferenciado nesses tempos.

Palavras-chave: relações sociais; era digital; bufonaria

Abstract

Human relations mediated by digital equipment and applications that have been established in contemporary society make us reflect on practices that lead the subject to self-exaltation, distancing themselves from the physical world and social practices. Under these conditions, one's perception of the other also seems altered, since what we see on social networks may not be what it seems, because the act of simulating has become commonplace. So in this age of mixed reality, where the virtual overlaps with concreteness, the question becomes about the existence and characteristics of being different, one that stands out from common sense. Digital implement-mediated relationships allow an unusual-bodied subject transits unnoticed as long as it is not seen through images. On the other hand, the practice of simulation was massified through facial expressions and standardized gestures. Exposing yourself a lot to feel better seems to have become one of the norms in the social relations of the digital age. This is what makes room for buffoonery, a practice that brings out a being of different behavior in this times.

Keywords: social relations; digital age; buffoonery

Nos dias de hoje, em grande parte do mundo, estamos a viver uma retomada de normas sociais que visam impor determinado padrão de comportamento e de aparência no espaço público, que hoje deixou de ser um lugar unicamente físico. E vale lembrar que, no dito processo de civilização do mundo ocidental – hoje também entendido como lugar de domínio das culturas do Norte –, mostra-se uma constante resistência ao convívio com pessoas diferentes ou detectadas como fora do padrão estabelecido, seja na constituição física, no comportamento ou na maneira de pensar. Como consequência, essas pessoas sentem na pele a sua não aceitação, que se perfaz na rejeição e no desprezo latente e, quando não, num tratamento explicitamente agressivo. Sobre isto, buscamos traçar aqui um dos possíveis motivos para esta maneira de agir dessa sociedade, partindo de uma reflexão sobre o fenômeno estético.

Estigmatizados, os diferentes já foram enclausurados e houve um tempo em que eram tolerados em eventos específicos, como o carnaval e a festa dos loucos, se restritos ao convívio familiar ou sob proteção de monarcas. Em família, eram tidos como seres de estimação, naqueles eventos públicos compunham uma sátira aos poderosos, enquanto no último caso eram tidos como bobos a ironizar e mesmo a apontar verdades entre os aristocratas.

Hoje parece ter aumentado a presença de pessoas diferentes no dia-a-dia das cidades. Ao transitar pelas ruas, é possível deparar-se com pessoas que, há algumas décadas, seriam consideradas deslocadas do seu lugar, já que eram tidas como deficientes ou anormais. Isto faz pensar se houve um avanço na aceitação ou, pelo menos, na admissão de tais seres no espaço urbano. Da clausura ao suportável, seria isto? Será que, de uma atuação restrita ao imaginário e a eventuais festejos, o ser diferente foi admitido na ocupação efetiva do meio social?

É fato que uma pessoa com alguma alteração/deformidade corporal, por vezes explicitamente enferma, mostra-se naturalmente mais perceptível no espaço público. Anões, corcundas e outros seres cujo comportamento ou aparência física seja fora do comum habitualmente chamam atenção e, até algum tempo atrás, ao serem percebidos causavam mais espanto ou surpresa do que o fazem atualmente. Numa sociedade cuja relações se pautam basicamente pela imagem, nota-se claramente o intenso uso, sobretudo pelo noticiário, de narrativas e imagens de acontecimentos violentos e extravagantes, cujo intuito é impressionar e mobilizar a atenção pelo choque. Ao que parece, a constância disto no meio midiático soa como atenuante no espanto do espectador diante do que se mostra diferente e fora de padrão.

Além disso, nota-se que uma alteração lenta e gradual vem ocorrendo nas regras sociais relativas a pessoas diferentes. Tal fato se dá especialmente a partir da facilitação do seu acesso a determinados espaços e priorização do seu atendimento em instituições e empresas, além de adaptações em vias públicas, como a instalação de rampas para cadeiras de rodas, uso da linguagem de sinais nos anúncios em vídeo, piso tátil e semáforos com sinal sonoro. Tais ocorrências, juntamente com as necessidades pessoais, podem ter estimulado a saída para as ruas de pessoas sem visão, sem audição ou com limitações físicas. Como consequência, houve aumento do número delas no trânsito urbano, o que

contribui – ainda que de maneira forçosa – para sua admissão no meio social, tidas agora como menos inoportunas.

Vale pensar, entretanto, se esta mudança no comportamento social se dá mesmo pelo efetivo reconhecimento e aceitação do diferente como um igual ou se, na verdade, essa postura estaria ligada a percepção que cada indivíduo passou a ter de si mesmo na sociedade contemporânea. Numa era regida pela imagem, que se impõe não apenas na propaganda e na difusão, mas também nas relações sociais, segue-se uma supervalorização da autoimagem, em que o sujeito é levado a notar-se mais e se colocar em primeiro lugar. Em tempos de relações humanas mediadas por equipamentos e aplicativos digitais, o eu se tornou espetacular. Consequentemente, ganha força a ideia de que é preciso parecer bem para ser normal, ou seja, a normalidade se vincula à sensação de ser visto e notado como alguém saudável e bem sucedido. Com isto, o âmbito normativo parece ter se deslocado do ser e do estar para a imagem e aparência de estar bem. Aparentar possibilita a sensação de estar e isto basta. Então o ato de mostrar-se bem e fazer-se visto de preferência acima do comum, incide na percepção de si mesmo no âmbito social. Assim, antes de ser visto ou de mostrar-se efetivamente em público, o artifício da simulação, em si, traz a sensação (artificial) de bem estar.

Num mundo regido por imagens e sensações artificialmente geradas, deparar-se com o “menor”, o deficiente ou marginalizado se mostra reconfortante. Ainda que tal encontro se dê na vida fisicamente real, a presença deste outro faz com que o simulador do mundo digital (agora um observador do mundo orgânico) se sinta melhor. Mas em lugar de uma efetiva solidariedade, o normal é que haja constrição, o que empresta ao observador a sensação de estar acima e, com isto, sentir-se bem. Assim, tais práticas fortalecem a autoimagem daquele que observa o diferente, nutrindo nele a sensação de superioridade. Mas superior em quê?

O fato é que, em tal situação, se corre o risco de chegar ao que Elias e Scotson (2000) chamam virtude humana superior ou carisma grupal distintivo, o que pré-estabelece o pertencimento a um suposto grupo que se coloca como distinto, em estágio adiantado e, consequentemente, normativo. Mais poderosos que outros grupos interdependentes, os normativos se percebem como “aristocratas” e humanamente superiores:

O sentido literal do termo “aristocracia” pode servir de exemplo. Tratava-se de um nome que a classe mais alta ateniense, composta de guerreiros que eram senhores de escravos, aplicava ao tipo de relação de poder, que permitia ao seu grupo assumir a posição dominante em Atenas. Mas significa, literalmente, “dominação dos melhores”. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 19)

A sensação de superioridade é muito bem-vinda em tempos de distanciamento físico e mediação digital na relação com o mundo. Ocorre que, nessas condições, o sujeito acaba constituindo a partir de si próprio um novo ser (ou parecer): um eu paralelo. E, assim, a era de um eu sobreposto, paralelo e ficcional, parece ter gerado o *como se*, detectado na psiquiatria, conforme nota Giorgio Agamben:

Nesse íterim, o *como se* se tornou, em psiquiatria, uma figura nosográfica extremamente difundida, quase uma condição de massa: chamam-se personalidades *como se* todos aqueles casos – ditos também *borderline* – que não podem ser inscritos claramente nem na psicose nem na neurose, e cujo mal consiste, por assim dizer, em não ter nenhum mal. Eles vivem *como se* fossem normais – como se o reino da normalidade existisse, como se não houvesse “nenhum problema” (como soa a fórmula tola que aprenderam a repetir em todas as ocasiões) – e exatamente isso constitui a origem do seu mal-estar, a sua particular sensação de vazio. (AGAMBEN, 2016, p. 50)

Parece-nos, assim, que justamente o sentir *como se* antecede o fazer-se e o mostrar-se publicamente como se fosse, visando parecer estar, ter ou ser aquilo que, na verdade, é irreal. Ainda que isto possa se vincular ao clássico entendimento de dissimulação e fingimento, é importante notar o que significaria dissimular e fingir-se alguém nos dias de hoje, pois que costumeiramente isto agora não diz respeito à mimetização de um ser referencial (uma personalidade, um vencedor reconhecido) ou de um território (ambiente, estabelecimento geográfica) efetivos. Na era do hiper-real, os termos mapa e território parecem superados:

É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. (...) não se trata de mapa nem de território. Algo desapareceu: a diferença soberana de um para o outro, que constituía o encanto da abstração. Pois é na diferença que consiste a poesia do mapa e o encanto do território, a magia do conceito e o encanto do real. (...) Na verdade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera. (BAUDRILLARD, 1991, p. 8)

Considerando que na relação mediada com o mundo se perfaz o campo da realidade mista – em que se sobrepõem o concreto e o virtual –, o lugar para este outro, o diferente (preferencialmente marginalizado e/ou deficiente), está reservado: trata-se de um cúmplice e sua presença alia-se à sensação de “nenhum problema”, tão cara ao simulador do mundo digital e ao seu eu paralelo. Ao deparar-se com aquele que lhe parece menor, o simulador se coloca à parte, como mero observador do mundo orgânico, preservando no mundo digital a sensação de aristocrata.

Por sua vez, embora possa impressionar no mundo imagético da virtualidade tecnológica, a pessoa cuja singularidade se destaca por ter o corpo ou o comportamento fora da ordem e do modelo estabelecido, encontra-se efetivamente no mundo orgânico. De corpo excessivamente grande ou grandemente diminuto, mutilado, com deformidade inata ou adquirida, o ser diferenciado pode simplesmente ter um comportamento inusitado, decorrente de questões psicossociais, culturais, mentais ou cerebrais que incidem na sua capacidade de fala ou na maneira de comunicar-se. Por se tratar de seres fora de um padrão

normatizado – que determina o que é normal –, é comum vê-los submeter-se às regras do mundo digital, buscando parecer bem e sem problemas. Portanto, também o ser diferente no mundo orgânico pode tornar-se um simulador digital, deixando de ser diferente ao menos no comportamento que parece imperar em tempos de relações sociais mediadas.

O riso desterritorializado

Por muito tempo, o constrangimento apresentou-se como reação comum ante àquele que parecesse estranho ou fora de padrão, com o corpo ou a maneiras de ser e de estar diferentes. Ocorreram iniciativas para o banimento social desses indivíduos, por vezes tidos como perigosos ou depreciadores da civilidade. E, por isso, exilados ou asilados, parte deles eram retirados do convívio social. Em que pese esta realidade bruta com relação aos diferentes na sociedade ocidental durante tanto tempo, fica aqui uma questão: qual o lugar de pessoas tidas como diferentes ou fora de padrão no mundo digital de hoje?

As relações sociais passaram a ter mediação de equipamentos e aplicativos digitais que dispensam a presença e/ou o deslocamento físico de interlocutores e, com isto, o ser e o estar ganharam novas conformidades, se tornando não só mais diversos e simultâneos, mas também simuláveis e dissimuláveis. Ou seja, tanto o parecer ser quanto o parecer estar ganham força no âmbito da comunicação e da exposição pessoal nas relações sociais digitalizadas. Isto permite também ao chamado diferente transitar virtualmente, sem que seja detectado de pronto. Além de tornar possível a não identificação de seres fisicamente ou sensitivamente fora de padrão, na era digital um “novo diferente” pode ser apontado: aquele que não se encaixa no modelo de simulador, ou seja, aquele que produz imagens e expressões verbais com o intuito de destacar ou mesmo ocultar a realidade efetiva em que se encontra e, com isto, impor uma realidade ficcional. Já o “novo diferente” mostra-se indiferente com questões hoje tão comuns nas relações mediadas, parecendo não se preocupar em se espetacularizar nem agir *como se*.

É fato que o cômico sempre se mostrou aliado do diferente num meio em que este seja perseguido ou renegado. Percebendo no sujeito indiferente (aquele que se julga neutro) um fortalecedor do comportamento reproduzido por grande parte das pessoas e, por isso, tido como normal – neste caso, a rejeição ao diferente –, vale pensar numa possível mudança, se não uma inversão, neste jogo: se o indiferente vir a funcionar como catalisador do cômico, ele deixaria de fortalecer a rejeição, tornando-se um aliado do ser diferente.

Partindo do começo: se o indiferente for levado a rir ou fazer rir daqueles que simplesmente reproduzem comportamentos tidos como normais, não estaria ele fortalecendo o questionamento disto? Então, ao que parece, o uso do cômico pelo indiferente pode ter como consequência a geração de uma força oposta à denegação, algo como um catalisador da diferença.

Entretanto, sendo o sujeito indiferente alguém que geralmente age com imparcialidade ou apatia diante do que é considerado normal, cabe uma questão: seja no mundo orgânico ou digital, em que medida poderia haver comicidade num indivíduo comum, que não se faz

outro nem simula parecer o que não é? Ou seja, pode habitar o cômico alguém que age de forma usual, sem representar visando ser engraçado?

Vejam os: em se tratando de alguém que estimule a nossa curiosidade por não se valer de alguma excentricidade fabricada ou comportamento simulado, no mundo contemporâneo pode ser que chame atenção justamente por um modo diferenciado de ser, de pensar, de expressar-se ou simplesmente de locomover-se. Se, no mundo físico, basta ter um corpo diferente para se destacar, no mundo digital a situação é outra. Se o sujeito faz uso do sistema visando simplesmente cumprir com suas necessidades, não buscando se fazer notar por imagens ou modo de escrita, então pode transitar por ali anonimamente, valendo-se de aplicativos diversos. Mas caso este sujeito, em seu anonimato, consiga se rir dos demais, das atitudes e comportamentos praticados no mundo das redes sociais e da comunicação mediada, então a bufonaria e o grotesco podem compor um bom caminho para esta nossa reflexão sobre o cômico e o indiferente.

Em sua obra *Comicidade e riso*, referindo-se basicamente à literatura dramática, Vladimir Propp (1992) evoca uma necessária correlação entre os aspectos corporal e espiritual para haver comicidade no que concerne à natureza corporal do ser humano. Ou seja, somente o aspecto físico em si não causaria o riso, assim como a questão espiritual (motivação ou estado emocional), se considerada isoladamente, também não resultaria cômico. Assim, mostra-se necessário constituir uma situação que possibilite a correlação desses aspectos, ou seja, uma cena em que, havendo contradições ou desentendimentos, os personagens se sintam coagidos ou constrangidos. Isto pode se dar pelo comportamento ou pela presença de alguém com um corpo diferenciado diante de outro, em determinado contexto. Sendo parte de uma história criada para ser encenada, sua representação requer a cumplicidade e a crença do espectador na realidade ali simulada, contando ou não com a efetiva presença de um corpo tido como deficiente.

Em se tratando de um fato da vida real, em que alguém se depara com um sujeito fora de padrão, com um corpo bastante diferente, a correlação corporal e espiritual pode advir de uma pseudo-realidade criada por aquele que observa o diferente, iludido por ideias de caráter grotesco. A magreza e a gordura extremas, assim como alguma parte do corpo em excesso ou em falta, podem gerar o vínculo (ou sobreposição) desse corpo com um animal, vegetal ou alguma outra pessoa mente do observador, provocando nele o riso. É possível dizer que neste indivíduo, o observador, opera justamente o que Propp classifica como sendo de caráter espiritual, enquanto Agamben (2016) detecta o que seria uma “personalidade *como se*”, já que reforça no sujeito a sensação de que está tudo bem e sem problema com ele. Uma vez que a natureza física aqui referida diz respeito a uma realidade efetiva (e não a uma ficção), concreta e presente no corpo do outro, aquele que é observado, então se abre a possibilidade de uma correlação entre os aspectos corporal e espiritual para constituição do cômico.

Nos termos aqui levantados, faz-se importante pensar o espírito como sendo um princípio que dá vida e organiza os seres, conforme menciona o estudioso Newton Cunha (2003), resgatando o sentido espiritual para a natureza na filosofia estoica: “Para os estoicos, a natureza é um fogo artífice destinado a gerar, um espírito da espécie do fogo e

da atividade que molda” (Diógenes Laércio *apud* CUNHA, 2003 p. 256). Trata-se, portanto, de pensarmos sobre uma possível comicidade advinda da correlação entre o espírito (fogo) e o corpo/ser (natureza humana) na presença e no comportamento de uma pessoa diferente, extremamente singular. Neste sentido, a bufonaria apresenta-se aqui como prática pertinente, pois que em princípio diz respeito ao corpo e ao comportamento, sendo que o praticante da bufonaria é um ser verdadeiro, que atua na realidade.

Dando-se a perceber pelos sentidos, a bufonaria é um exercício de estética capaz de unir o sentido de “ciência do conhecimento sensitivo ou da sensibilidade” ao de “ciência do conhecimento abstrato, reflexivo, conceitual”, apontados em Cunha (2003, p. 257). Distante da simulação pura e simples, a bufonaria é um exercício estético onde a presença física e o comportamento de um sujeito incide no âmbito espiritual do outro.

Consideremos que a bufonaria pode ser de caráter expressivo, na comunicação verbal e não verbal do sujeito. Rir sarcasticamente do mundo e das práticas humanas é papel do bufão. Neste sentido, as relações sociais aparecem de maneira exponencial na prática da bufonaria, que torna tanto as características físicas quanto o comportamento expressivo instrumentos para o riso. Considerando as possibilidades de enunciação do corpo e do comportamento de um sujeito extraordinário, fora dos padrões estabelecidos e normatizados, no ato da bufonaria cabe ainda o termo transdutor, sugerido por José Gil (1997). Ocorre que os gestos e expressões com entendimento previsível num contexto comum, dito normal, podem ter este sentido suspenso caso se deem numa situação de caráter bufonesco. Um gesto ou expressão, que para o ser comum tem motivações semelhantes, no ato de um corpo bufão ganham outra conformidade. Num corpo transdutor, a emissão de um gesto comum supera a simples transposição sónica, pois que nele tal expressão aflora num contexto extraordinário, capaz de ressignificar o seu entendimento na percepção do observador. Em expressões verbais que basicamente resultam de operações do cérebro, a bufonaria pode se manifestar com as falhas e dificuldades na expressão verbal e gestual decorrentes de lesões cerebrais ou males psíquicos. Então será, uma vez mais, o caso de um corpo transdutor, em que o desejo e a intenção de expressar-se podem resultar em falas e ações desconexas ou mesmo ininteligíveis.

Mas, se tão vinculado a questões da realidade concreta, como poderia um bufão atuar num mundo de relações sociais mediadas por implementos digitais?

Embora gerida no mundo físico e orgânico, desde sempre a bufonaria se vincula também à abstração, à imaginação e ao pensamento, aí justificando ações e modos de agir de um bufão. É o caso do chamado parasita ou *aretalogus* que, a partir de questões pseudo-filosóficas, se dedica a contar histórias para justificar e manter o usufruto dos prazeres da vida, em especial o gastronômico. Trata-se de um bufão pretensamente sábio, conforme constatado por Gazeau, em 1882, nos seus estudos sobre a bufonaria. Outro tipo que se encaixa neste perfil e, nos dias de hoje, tem Philippe Gaulier e Leo Bassi como exemplos notórios, é o bufão branco, uma forma de atuação que parece indicar os melhores procedimentos nas relações mediadas que hoje se impõem. Ironizando e rindo do mundo, o bufão branco aparenta um sujeito normal e em conformidade com os padrões estabelecidos.

Temos, então, dois seres diferenciados que habitam o mundo digital: 1) o indiferente, sujeito discreto e alheio às formas de atuação simulada, que não aparece nem busca se fazer notar e que, anonimamente, pode se divertir e rir deste mundo; 2) o bufão branco, que joga de acordo com as regras estabelecidas e uso de um figurino aparentemente normal. Este último atua como fazia o *aretalogus*, contando histórias e se mostrando conhecedor, mas com um acréscimo: longe de justificar benesses, as ações do bufão branco nos trazem questionamentos sobre o nosso mundo e sobre o comportamento geral, que se instaura em nossa sociedade. Suas atitudes e pensamentos nos provocam e nos levam a refletir. É o que faz Gaulier, ao dizer sobre o “ângulo das aberrações”, denominação que dá aos seus ensinamentos:

O ângulo das aberrações é um efeito de ótica através do qual vemos um astro numa posição diferente da sua posição atual por causa do tempo que a sua luz leva para chegar até nós e por causa do movimento de rotação da Terra. (...) Eu ensino uma posição que está num lugar entre a velocidade da luz e a rotação da Terra. (GAULIER, 2016, p. 31)

Atuando na sociedade, pode parecer que o bufão age *como se*. Entretanto, sua atuação está distante de questões psicanalíticas, como a psicose ou a neurose, conforme apontado por Agamben (2016), pois que um bufão age segundo as regras da bufonaria, onde simplesmente se faz o que normalmente deve ser feito. Então, se mostrar-se bem é a norma, é o que um bufão fará. Se postar imagens ou mensagens nas redes sociais é algo comum, que a grande maioria das pessoas – para não dizer quase todas – fazem atualmente, então o bufão também o fará, ainda que de maneira exacerbada, cumprindo com sua índole. Afinal, o sarcasmo para com as atividades humanas é uma das características maiores do bufão, que antes de fazer algo para que possamos rir dele, na verdade faz algo rindo de nós.

É neste campo, o da bufonaria, que um corpo fora de padrão se manifesta no universo das mídias digitais. Ao ter sua imagem postada nesse meio, ainda que seguindo os padrões normatizados e tão reproduzidos ali – determinadas posturas, vestimentas e expressões faciais –, o corpo diferenciado se destaca, contradizendo a constante intenção de encaixá-lo no que está padronizado e fazendo notar a sua singularidade. De maneira semântica, este corpo incide no contexto, fazendo ver outros sentidos possíveis, fora do contexto comum que regularmente se iria instaurar. Neste sentido, a captação de sua imagem numa fotografia ou num vídeo ganha caráter performativo, pois que se vincula à vida e ao verdadeiro. Um bom exemplo disto são as fotografias das irmãs Violet e Daisy Hilton (figura 1), gêmeas siamesas que viveram entre 1908 e 1969. Ambas eram instrumentistas e chegaram a fazer apresentações musicais, mas o que chamava a atenção e lhes rendeu economicamente durante a vida foi justamente a sua compleição física.

Figura 1: Violet e Daisy Hilton¹

Um corpo bufonco chama atenção não apenas por sua aparência, mas também por incidir nas possibilidades de movimentação e modo de agir do sujeito. Suas características se sobrepõem ao ato ou se antecipam a ele, interferindo no contexto instaurado no acontecimento. Um corpo extremamente diferenciado opera no terreno em que se dá o ato de simular ou dissimular, onde o intuito é parecer aquilo que não é verdadeiro. Normalmente, o uso da imagem de um corpo diferente segue dois caminhos: o da espetacularização ou do ocultamento de suas principais características. O caso é que, numa dissimulação, o corpo bufonco explicita a indissimulável verdade, enquanto que, na espetacularização, pode denunciar exageros.

Para o tempo que resta

Nos dias atuais, com o uso de instrumentos digitais na relação com o mundo, o corpo e o espaço sofrem redimensionamento constante. Embora o espaço físico pareça limitar-se ao lugar em que se encontra o sujeito que tem à mão o seu equipamento movel de conexão, por vezes este sujeito está em trânsito. Enquanto os seus dados são armazenados ininterruptamente “nas nuvens”, a sua presença se vincula ao uso variado e simultâneo de aplicativos.

É importante notar que os dados registrados se referem ao trânsito e localização física e digital do equipamento (leia-se sujeito), assim como o acesso a programas de rede, uso de aplicativos e todas as operações por ele realizadas. Ou seja, tais dados traduzem, em muito, a pessoa que está de posse desse aparelho.

Os dados pessoais, que antes constavam na documentação do sujeito e se restringiam a determinadas informações – estado civil, altura e peso, nomes de genitores, data de

nascimento, cidade e país de origem –, hoje vão muito além disso. Os dados fornecidos por equipamentos digitais perfazem o trânsito, os costumes, preferências, produtos e locais de consumo, entre tantos outros. Então, “as nuvens” conhecem bem o sujeito, tanto quanto, se não mais, do que seus amigos, parentes e cônjuge. Vale aqui uma observação: neste sistema, cada letra e palavra digitada, assim como as imagens apreciadas ou expostas pela pessoa também compõem os seus dados.

Assim como as palavras e pensamentos escritos por alguém se restringiam a estantes e gavetas, onde se encontravam livros, cadernos e cartas, também as fotografias ficavam em porta-retratos ou álbuns, limitadas à apreciação apenas de frequentadores da casa. Uma das funções primordiais da fotografia pessoal desde sempre se vincula ao registro de lugares raramente visitados e de eventos familiares, denotando o encontro e a reunião de pessoas, o que lhe dava um caráter social. Hoje, a massificação do *selfie* faz com que o sujeito privilegie a si mesmo e busque tornar a sua imagem um espetáculo.

Na era informacional, a escrita ganhou novas formas e alcance. Por sua vez, as imagens produzidas e utilizadas (fotos, vídeos, desenhos e expressões codificadas) possuem dimensão e alcance indescritíveis. Se os textos digitados em geral privilegiam a comunicação rápida e revelam informações, também a maneira de fotografar, assim como o uso de tipos variados de imagens, ganham status de informação para constituição social de um sujeito.

A disseminação de aparelhos móveis, que possibilitam a reprodução automática de imagens e falas, resultou da convergência de mídias hoje de alcance incomensurável. Um mundo paralelo se constituiu e incide tanto na autopercepção quanto no sentido de presença, que parecem ainda em processo de assimilação pelos seres dessa era, que vem se instaurando há algumas décadas.

Nesses tempos em que o normal é sentir-se bem, as relações humanas mediadas por dispositivos digitais fortaleceu a sensação de autonomia, alterando nas pessoas a percepção de si e levando-as a crer que tudo pode se resolver sem se deslocar fisicamente: basta um toque na tela ou no teclado de seu equipamento. Na busca de sentir-se e mostrar-se bem, são estimuladas a um consumo ininterrupto, a um ganho e acúmulo de vantagens incessantes, identificando-se com aqueles que parecem estar bem. A norma altera o entendimento de termos como “amigo”, deslocando o lugar de encontro para uma realidade mista, onde o corpo físico se faz sentir virtualmente, sendo comum que a sua imagem seja dissimulada. No espaço público das redes digitais, que ecoa no mundo orgânico, o risco maior que se apresenta é o senso de aristocracia ou “dominação dos melhores”, conforme Elias e Scotson (2000). Em termos efetivos, nesses tempos de relações múltiplas, simultâneas, rápidas e rasas, em que o sujeito se acha autônomo e capaz de conseguir, decidir e resolver sozinho, ao diferente e ao que se mostra indiferente cabe rir do mundo e de seus usos e costumes, com o sarcasmo irreverente do bufão.

Notas

- ¹. In: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=6662&fb_comment_id=1839236936087474_1909527669058400>
Acessado em 05/10/2019

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O tempo que resta**: um comentário à *Carta aos Romanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: _____. (org.). **História do Corpo 3**: As muações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 253-340.
- CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc**: a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GAZEAU, A. **Les bouffons**. Paris : Librairie Hachette et Cie., 1882.
- GAULIER, Philippe. **O atormentador: minhas ideias sobre teatro**. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

Correspondência

José Tonezzi: Doutor em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atua como colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (UNICAMP) e como docente do Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes (PPGCA), do Mestrado Profissional em Artes e do Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É editor da Revista Moringa: Artes do espetáculo.

ORCID: 0000-0002-1499-4267.

E-mail: tonezzi@hotmail.com

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização do autor.